

A EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL E A FORMAÇÃO TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO EM SAÚDE

INTERPROFESSIONAL EDUCATION AND MIDDLE-LEVEL TECHNICAL TRAINING IN HEALTH

EDUCACIÓN INTERPROFESIONAL Y FORMACIÓN TÉCNICA DE GRADO MEDIO EN SANIDAD

Gilberto Tadeu Reis da Silva¹

Como citar este artigo: Silva GTR. A educação interprofissional e a formação técnica de nível médio em saúde. Rev Enferm Atenção Saúde [Internet]. 2023 [acesso em: ____]; 12(1):e202367. DOI: <https://doi.org/10.18554/reas.v12i1.6782>

A educação interprofissional (EIP) tem sido o foco de diversas discussões recentes a nível mundial, sobretudo diante da necessidade de formar profissionais alinhados com as exigências atuais de saúde e sociais.¹ Nessa tônica, cabe refletirmos sobre o sentido que a EIP exprime na formação profissional, assim, pondera-se que esse modelo intenciona uma proposta educativa na qual o processo de aprendizagem envolve profissionais de duas ou mais áreas e caracteriza-se pela prática interativa e colaborativa com o intuito de proporcionar um cuidado mais seguro e integral.

Nesse ínterim, destaca-se que cada vez mais o trabalho na saúde vem exigindo que as práticas e ações transcendam a esfera uniprofissional e sedimentem-se na corresponsabilidade, no trabalho cooperativo e na execução de ações integradas e dirigidas para proporcionar a melhor saúde à população.²

Desse modo, compreende-se que a EIP se desenvolve através de práticas colaborativas em espaços formativos e profissionais, nos quais o aprendizado é horizontalizado e todos os integrantes da equipe aprendem e ensinam conjuntamente, contribuindo para o aprimoramento da assistência prestada. Todavia, apesar do aumento dos debates acerca da EIP, a compreensão clara e ampla de seu conceito por parte dos profissionais ainda é incipiente, o que resulta em celeumas que dificultam sua aplicabilidade e, por conseguinte, a concretização da prática efetivamente interprofissional.³ Destarte, infere-se que apesar dos debates, a EIP mesmo

¹ Doutor em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo. Professor Titular-Livre na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração dos Serviços de Saúde e Enfermagem (GEPASE-UFBA). E-mail: gilberto.tadeu@ufba.br ORCID: 0000-0002-0595-0780.

contida no campo de conceitos fulcrais ainda não teve pujança para alavancar os contornos do discurso acadêmico e reverberar nas necessidades reais da prática da formação em saúde.

A incipiência no entendimento da EIP implica e se intersecciona diretamente com os processos formativos⁴, uma vez que são poucos os currículos que apresentam uma abordagem interprofissional. Nessa seara, ainda é mais preocupante a conjuntura da EIP na formação dos profissionais de nível de médio em saúde, que correspondem a maior força de trabalho nos diversos serviços e, por isso, influenciam fortemente a qualidade do cuidado. Contudo, ainda enfrentam fragilidades importantes atinentes a seus processos formativos em virtude do delineamento histórico-sócio-culturalmente construído da educação profissional de nível médio.

Nesse sentido, no que tange a EIP, ainda é opaco o conhecimento pertencente à implementação de perspectivas de formação interprofissional nos cursos técnicos em enfermagem no Brasil. Entretanto, o cenário atual registra uma tendência crescente de cada área profissional trabalhar de forma isolada e independente.

Frente as considerações ora expostas, bem como depreendendo que as ações dos diferentes profissionais envolvidos no cuidado, independentemente do nível de formação, reverberam na resolutividade dos serviços e efetividade da atenção à saúde, torna-se premente pensar o quanto a EIP é dialogada e desenvolvida na formação do maior quantitativo de trabalhadores da saúde e quais as repercussões potenciais da incorporação sólida dessa perspectiva formativa, sobretudo para a população. Portanto, em vista disso, emergem as seguintes inquietações: Como o referencial teórico da EIP é abordado nos currículos da formação técnica de nível médio em saúde? Os currículos desses cursos apresentam perspectivas interprofissionais? Quais muros serão necessários transpor para que a abordagem interprofissional ultrapasse o meio acadêmico e investigativo e ecoe no contexto da formação dos profissionais de saúde, especialmente os técnicos? As diretrizes da educação profissional no Brasil apontam caminhos para o desenvolvimento de uma abordagem interprofissional? Como ensinamos a construção de práticas colaborativas interprofissionais na formação técnica de nível médio?

Tais reflexões suscitam a relevância de repensar a educação profissional técnica de nível médio em saúde com vistas a promover a ruptura da hegemonia de modelos tradicionais de ensino e da fragmentação e desarticulação das ações de saúde. Dado que ressoa na interprofissionalidade, e, assim, torna-se imperativo aprofundar o diálogo acerca da introdução da EIP nos currículos, e das estratégias para desenvolvimento de habilidades para

prática da corresponsabilidade e da colaboração diante das adversidades e problemas de saúde. Por outro lado, também cabe reflexionar acerca do preparo dos docentes de nível médio e das escolas para a construção de uma formação pautada na interprofissionalidade na saúde.

Contudo, diante dos contributos da EIP⁵ para a formação de profissionais mais preparados para uma atuação integrada em equipe, mediante a valorização e o reconhecimento da interdependência, em detrimento da competição e fragmentação, cabe indicar a introdução dessa pauta nas agendas de governo, bem como no escopo dos debates dos pesquisadores, docentes, gestores e profissionais de nível médio em saúde com o intuito de engendrar intentos para desconstruir a hegemonia da uniprofissionalidade nas escolas de formação em saúde e garantir investimentos de tempo, energia e recursos para promover a educação interprofissional.

Assim, a sensibilização referente a esta temática configura-se como uma necessidade contemporânea, sobretudo face a significância do desenvolvimento de programas educacionais fundamentados em estratégias de ensino consoantes com as inovações e novas exigências dos sistemas de saúde.

Por fim, espera-se que este editorial represente um ponto de partida para impulsionar reflexões, estudos e novas discussões com potencialidade para ressignificar a EIP na formação técnica de nível médio em saúde, além de estimular diálogos que permitam ampliar o conhecimento sobre a experiência da educação interprofissional na formação, favorecendo a ação-reflexão-ação no desenvolvimento do ensino por meio da EIP. Ademais, pretende-se fomentar ponderações que mostrem caminhos para romper com a fragmentação das práticas em saúde e viabilizar o cultivo de ações colaborativas, da comunicação efetiva, da cooperação, do comprometimento e do respeito entre os diversos profissionais de saúde, estendendo-se aos de nível médio.

REFERENCIAS

1) Barr, H. (2015). Interprofessional education: the genesis of a global movement. London: CAIPE. Recuperado de <https://www.caipe.org/resources/publications/barr-h-2015-interprofessional-education-genesis-global-movement>

2) Batista, N. A., & Batista, S. H. (2016). Educação interprofissional na formação em saúde: tecendo redes de práticas e saberes. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20(56), 202-204. doi:10.1590/1807-57622015.0388

3) Bridges, D. R., Davidson, R. A., Odegard, Maki, I. V., & Tomkowiak, J. (2011). Interprofessional collaboration: three best practice models of interprofessional education, *Medical Education Online*, 16(1), 1-10. doi: 10.3402/meo.v16i0.6035

- 4) Gilberto Tadeu Reis da Silva. EDITORIAL. Educação interprofissional e formação de professores em saúde Interprofessional education and faculty training in health Revista de Enfermagem Referência, vol. V, núm. 1, 2020 Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Portugal Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388263105001>
- 5) D'Amour, D., Goulet, L., Labadie, J. F., Martín-Rodriguez, L. S., & Pineault, R. (2008). A model and typology of collaboration between professionals in healthcare organizations. BMC Health Services Research, 8(1), 1-14. doi:10.1186/1472-6963-8-18